

PERFIL DOS MOTOBOYS E ENTREGADORES DE MERCADORIAS¹

Camila Yuri Santana Ikuta²
Gustavo Plínio Paranhos Monteiro³

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre o perfil dos(as) trabalhadores(as) que exercem as ocupações de motoboys e entregadores de mercadorias no Brasil, com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Covid19 (Pnad Covid19), do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. As estimativas indicam que havia quase um milhão de entregadores no país em setembro de 2020, presentes principalmente nas áreas urbanas, em sua maioria homens e negros, com grande participação de jovens. A maior parte estava trabalhando na informalidade. Durante a pandemia, observou-se aumento do número de entregadores e redução da remuneração média que efetivamente recebem – apesar da intensificação da jornada de trabalho desses profissionais, que se destacaram na manutenção de atividades essenciais, especialmente em tempos de isolamento social e crise econômica.

Palavras-chave: entregadores, motoboys, plataformas, mercado de trabalho.

Introdução

Este artigo apresenta um estudo acerca do perfil dos(as) trabalhadores(as) que exercem as ocupações de motoboys e entregadores de mercadorias em todo o país. As informações aqui expostas foram elaboradas com base em estimativas obtidas pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Covid19 (Pnad Covid19), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A PNAD Contínua é uma das principais fontes de dados sobre a população no país e seus resultados são divulgados mensal e trimestralmente. Devido à pandemia provocada pelo novo coronavírus, o IBGE passou a realizar também a coleta de uma edição especial da PNAD⁴, voltada a mensurar informações sobre a Covid-19, dentre elas indicadores de saúde da população e impactos da pandemia sobre o mercado de trabalho. Nessa pesquisa, foi incluído, pela primeira vez, um recorte de ocupações com a identificação de dois grupos:

1 Este estudo foi realizado pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) em 2020, no âmbito do Projeto Juventude - Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Confederação dos Sindicatos Alemães (DGB).

2 Mestre e Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). Técnica do DIEESE.

3 Mestre em Desenvolvimento Econômico pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE-UNICAMP). Técnico do DIEESE.

4 A coleta dos dados da PNAD Covid-19 é realizada por telefone, em todo o território nacional, com amostra fixa. Vale destacar que o IBGE aponta os dados da PNAD Covid-19 como “estatísticas experimentais”, ou seja, recomenda sua utilização com cautela, por serem estatísticas recentes e em avaliação constante.

(1) motoboys e (2) entregadores de mercadorias, o que possibilitou observar algumas características desses trabalhadores(as), como a quantidade de ocupados, distribuição geográfica, tipo de vínculo, remuneração média recebida e faixa etária, além de questões relativas à condição de trabalho e aos possíveis impactos da pandemia na vida desses profissionais. Quando as informações aqui apresentadas referirem-se ao conjunto dos trabalhadores, será utilizada a expressão “entregadores⁵” para identificá-lo.

Ressalta-se, logo de início, que nem todos os entregadores englobados neste estudo são trabalhadores em plataformas digitais (aplicativos) de entrega de mercadorias - situação que não foi possível identificar a partir dos dados da Pnad Covid19 -, embora esses trabalhadores estejam contemplados nas duas categorias de ocupações analisadas. Além desses trabalhadores, a pesquisa indica ainda que existiam quase dois milhões de motoristas de aplicativo, de táxi, de van, de mototáxi e de ônibus (exclusive de caminhão), que não serão aqui examinados.

Presentes principalmente nas áreas urbanas do país, onde 95% residem, há quase um milhão de entregadores, em sua maioria homens (95,7%) e negros (61,6%), sendo quase metade com menos de 30 anos (44%). Durante a pandemia, ao contrário do que ocorreu com a maioria das profissões, o número de entregadores aumentou 3,5% e, embora a jornada de trabalho média tenha permanecido mais extensa do que a dos demais ocupados, sua remuneração foi quase 40% inferior à dos outros trabalhadores. A maioria dos entregadores não tem vínculo formal de trabalho, nem contribui para a Previdência Social (56,8%). A proporção de trabalhadores autônomos entre esses profissionais é alta (41,5%) e menos de 4% declararam ter concluído o ensino superior.

A seguir, é detalhado o perfil desses trabalhadores que vêm se destacando como profissionais essenciais, em especial em tempos de isolamento social e crise econômica.

Características Gerais – Entregadores

O número estimado de trabalhadores(as) exercendo a ocupação de entregadores no país é de aproximadamente 950 mil, segundo dados da Pnad Covid19, de setembro de 2020 (Tabela 1).

A ocupação dos entregadores é majoritariamente masculina: os homens representam 95,7% do total da categoria, perfil que se diferencia do relativo ao conjunto dos demais ocupados, que é composto por 58,1% de homens e 41,9% de mulheres.

5 Neste estudo, considerou-se como “entregadores” o conjunto de trabalhadores nas ocupações classificadas na PNAD Covid19 como: “motoboy” e “entregador de mercadorias (de restaurante, de farmácia, de loja, Uber Eats, IFood, Rappi etc.)”. A maior parte das informações será aqui apresentada de forma agregada, referindo-se ao conjunto da categoria, porém, quando observada alguma particularidade que distinga um grupo do outro, optou-se por desagregar a informação para cada ocupação.

Tabela 1 – Distribuição dos entregadores(1) e dos demais ocupados, por sexo - Brasil, setembro de 2020

Sexo	Entregadores		Demais ocupados	
	(nº)	(%)	(nº)	(%)
Homens	908.742	95,7	47.648.771	58,1
Mulheres	41.282	4,3	34.335.446	41,9
Total	950.024	100,0	81.984.217	100,0

Fonte: IBGE. Pnad Covid19.

Elaboração: DIEESE.

Nota: (1) entregadores = motoboy ou entregador de mercadorias (de restaurante, farmácia, loja, Uber Eats, iFood, Rappi etc.)

A remuneração média efetivamente recebida pelos entregadores é de R\$ 1.325, valor equivalente a 61,2% da remuneração média recebida pelos demais ocupados no mercado de trabalho, que corresponde a R\$ 2.166. Os homens entregadores ganham R\$ 1.327 e as mulheres, R\$ 1.280, ou seja, 3,5% a menos do que os homens. Entre os demais ocupados, a remuneração das mulheres é 15,9% inferior à dos homens (Tabela 2).

Tabela 2 - Rendimento médio efetivo do trabalho de entregadores e dos demais ocupados, segundo sexo - Brasil, setembro de 2020

Sexo	Entregadores (A)	Demais ocupados (B)	Proporção Entregadores/Demais ocupados (A/B)
Homens	R\$ 1.327	R\$ 2.319	57,2%
Mulheres	R\$ 1.280	R\$ 1.951	65,6%
Total	R\$ 1.325	R\$ 2.166	61,2%

Fonte: IBGE. Pnad Covid19.

Elaboração: DIEESE.

A proporção de negros, pardos ou indígenas entre os entregadores é maior do que no mercado de trabalho em geral: 61,6% contra 52,6%. Em média, o rendimento recebido pelos entregadores negros foi de R\$ 1.201 - inferior em R\$ 322 ao auferido pelos entregadores não negros (Tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição dos entregadores e dos demais ocupados e valor do rendimento médio efetivo do trabalho, por raça/cor - Brasil, setembro de 2020

Raça/cor	N.		Rendimento médio (em R\$)	
	Entregadores	Demais ocupados	Entregadores	Demais ocupados
Negros	584.848	43.027.970	R\$ 1.201	R\$ 1.675
Não negros	365.175	38.939.577	R\$ 1.523	R\$ 2.707

Fonte: IBGE. Pnad Covid19.
 Elaboração: DIEESE.

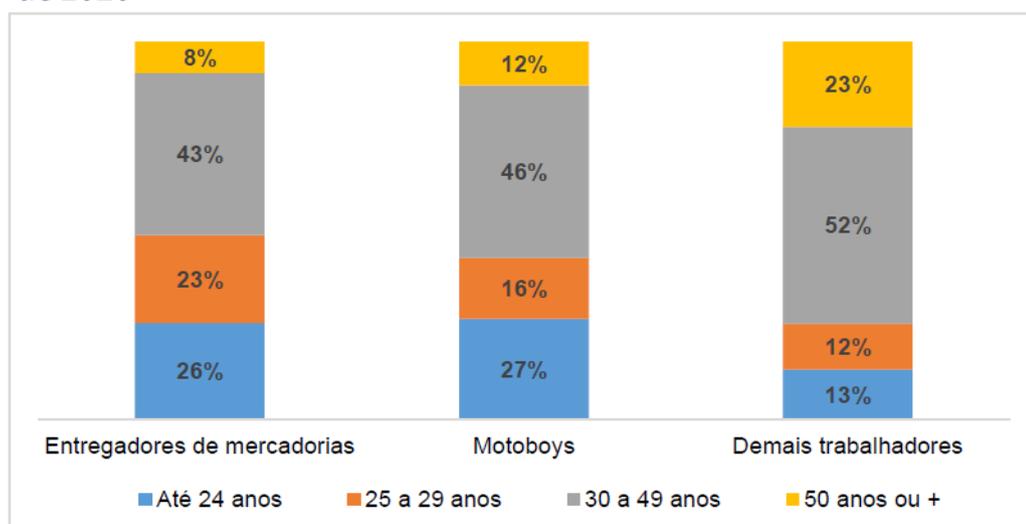
Do total de 950 mil entregadores, aproximadamente 272,5 mil (28,7%) estão ocupados como motoboys, e a maioria - 677,5 mil (71,3%) -, como entregadores de mercadorias em estabelecimentos e aplicativos (Tabela 4). O rendimento dos motoboys é de R\$ 1.385, cerca de 7% superior ao dos entregadores de mercadorias. Embora os motoboys sejam relativamente mais velhos do que os entregadores de mercadorias, essas duas ocupações têm um perfil mais jovem do que o do conjunto dos ocupados. Praticamente metade (49%) dos entregadores de mercadorias e dos motoboys (43%) tem menos de 30 anos - quase o dobro da proporção dessa faixa etária nas demais ocupações (25%) (Gráfico 1).

Tabela 4 – Distribuição dos entregadores e valor do rendimento médio efetivo do trabalho, por ocupação - Brasil, setembro de 2020

Ocupação	Entregadores		Rendimento médio efetivo
	(nº)	(%)	(em R\$)
Motoboys	272.505	28,7	1.385
Entregadores de Mercadorias (estabelecimentos e aplicativos)	677.519	71,3	1.300
Total	950.024	100,0	1.325

Fonte: IBGE. Pnad Covid 19
 Elaboração: DIEESE.

Gráfico 1 – Distribuição dos entregadores de mercadorias, dos motoboys e dos demais ocupados, por faixa etária - Brasil, setembro de 2020



Fonte: IBGE. Pnad Covid19.
Elaboração: DIEESE.

A discrepância salarial entre os entregadores e os demais ocupados na população, no entanto, é observada em todas as faixas etárias, sendo menos acentuada na menor - de 18 a 24 anos, em que a remuneração dos entregadores corresponde a 90% da dos demais ocupados - e na maior - acima de 50 anos, em que equivale a pouco mais de 80%. Nas faixas etárias intermediárias - de 25 a 29 e de 30 a 49 anos, os rendimentos dos entregadores representam cerca de 70% e 57%, respectivamente, dos percebidos pelos demais ocupados (Tabela 5).

Tabela 5 – Distribuição dos entregadores(1) e dos demais ocupados e valor do rendimento médio efetivo do trabalho, por faixa etária - Brasil, setembro de 2020

Faixa Etária	Entregadores		Rendimento médio efetivo		
	(nº)	(%)	Entregadores (A)	Demais ocupados (B)	Proporção Entregadores/Demais Ocupados (A/B)
14 a 17	(2)	-	(2)	R\$ 614	-
18 a 24	233.564	24,6	R\$ 1.075	R\$ 1.195	90,0%
25 a 29	172.509	18,2	R\$ 1.206	R\$ 1.728	69,8%
30 a 49	425.940	44,8	R\$ 1.371	R\$ 2.388	57,4%
50 ou +	101.839	10,7	R\$ 1.990	R\$ 2.452	81,2%
Total	950.024	100,0	R\$ 1.325	R\$ 2.166	61,2%

Fonte: IBGE. Pnad Covid19.
Elaboração: DIEESE.

Nota: (1) entregadores = motoboy ou entregador de mercadorias (de restaurante, farmácia, loja, Uber Eats, iFood, Rappi etc.) (2) a amostra não permite desagregação.

A análise das informações de acordo com a distribuição geográfica (Tabela 6) mostra que quase metade (48%) dos entregadores está na região Sudeste (453,2 mil), sendo que apenas o estado de São Paulo concentra 26% do total desses profissionais no país. Em seguida, estão as regiões Nordeste (25,8% ou 244,9 mil), Sul (10,4% ou 98,7 mil), Norte (8,2% ou 78,2 mil), e por último, a Centro-Oeste, com 7,9% do total de entregadores ou 75,1 mil trabalhadores.

Apenas 5,3% dos entregadores residem em áreas rurais e cerca de um terço (33,8%) atua nas capitais das Unidades da Federação.

A remuneração média efetivamente recebida varia bastante entre as regiões: as menores foram observadas nas regiões Norte e Nordeste e correspondem, respectivamente, a R\$ 956 e R\$ 1.019, valores inferiores ao salário mínimo nacional que vigorava em 2020 (R\$ 1.045). A maior remuneração foi observada na região Sul do país (R\$ 1.569).

Tabela 6 – Distribuição dos entregadores e dos demais ocupados e valor do rendimento médio efetivo do trabalho, por região geográfica - Brasil, setembro de 2020

Região	Entregadores		Rendimento médio efetivo		
	(nº)	(%)	Entregadores (A)	Demais ocupados (B)	Proporção Entregadores/Demais (A/B)
Sudeste	453.200	47,7%	R\$ 1.468	R\$ 2.416	60,8%
Nordeste	244.865	25,8%	R\$ 1.019	R\$ 1.583	64,4%
Sul	98.671	10,4%	R\$ 1.569	R\$ 2.335	67,2%
Norte	78.207	8,2%	R\$ 956	R\$ 1.667	57,3%
Centro-Oeste	75.081	7,9%	R\$ 1.507	R\$ 2.430	62,0%
Total	950.024	100,0	R\$ 1.325	R\$ 2.166	61,2%

Fonte: IBGE. Pnad Covid19.

Elaboração: DIEESE.

Os entregadores têm menor grau de escolaridade do que os demais ocupados do país: menos de 4% deles completaram o ensino superior - contra 25% dos demais trabalhadores - e quatro em cada dez entregadores não concluíram o ensino médio (Tabela 7).

Tabela 7 – Distribuição dos entregadores e dos demais ocupados, por escolaridade - Brasil, setembro de 2020

Escolaridade	Entregadores	Demais ocupados
Até fundamental incompleto	17,0%	17,9%
Fundamental completo	8,4%	6,9%
Médio incompleto	15,0%	8,2%
Médio completo	48,1%	34,0%
Superior incompleto	7,6%	8,2%
Superior completo	3,9%	24,7%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: IBGE. Pnad Covid19.
Elaboração: DIEESE.

A informalidade – aqui definida como a situação dos empregados sem carteira de trabalho assinada e dos profissionais por conta própria (autônomos) que não contribuem para a Previdência Social - atinge 56,8% dos entregadores. Somando 540 mil pessoas, os entregadores informais representam quase 2% do total de trabalhadores informais do mercado de trabalho do país. Esse é um contingente expressivo de trabalhadores sem acesso aos direitos e benefícios garantidos aos demais, como Previdência Social, depósitos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), remuneração mínima (piso), férias, décimo terceiro salário, auxílio-acidente e seguro-desemprego, entre outros. O quadro é ainda mais grave quando se considera que essa é uma atividade de alta exposição a riscos e que mais da metade dos profissionais da categoria está desprotegida de garantias básicas à saúde e segurança do trabalho.

Somente um terço (32,7%) dos entregadores possui vínculo de trabalho formal como empregado, ou seja, com carteira assinada (Tabela 8). Outros 8,9% são trabalhadores por conta própria formais, quer dizer, não têm vínculo empregatício formal, mas contribuem para o INSS.

A remuneração média dos que têm carteira assinada entre os empregados como entregadores equivale a R\$ 1.432, superior, portanto a dos sem carteira, que recebem R\$ 1.126. Entre os conta própria, a diferença é ainda maior: R\$ 1.747 contra R\$ 1.195. Ainda assim, os entregadores assalariados formalizados recebiam apenas 65% do rendimento médio auferido pelos demais profissionais com carteira assinada no mercado de trabalho (R\$ 2.217).

Tabela 8 – Distribuição dos entregadores(1) e rendimento médio efetivo do trabalho, por tipo de contratação - Brasil, setembro de 2020

Tipo de Contrato	Entregadores		Rendimento médio		
	(nº)	(%)	Entregadores (A)	Demais ocupados (B)	Proporção Entregadores/Demais (A/B)
Empregado com carteira	310.559	32,7%	R\$ 1.432	R\$ 2.217	64,6%
Empregado sem carteira	230.319	24,2%	R\$ 1.126	R\$ 1.399	80,5%
Conta própria formal	84.439	8,9%	R\$ 1.747	R\$ 2.156	81,0%
Conta própria informal	309.745	32,6%	R\$ 1.195	R\$ 1.220	98,0%
Outros(2)	(2)	(2)	(2)	R\$ 4.267	-
Total	950.024	100,0	R\$ 1.325	R\$ 2.166	61,2%

Fonte: IBGE. Pnad Covid19.

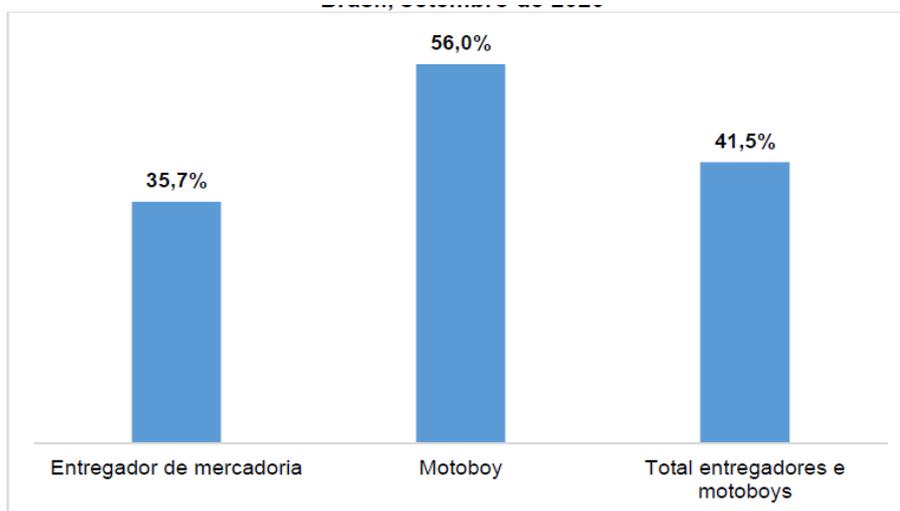
Elaboração: DIEESE.

Nota: (1) entregadores = motoboy ou entregador de mercadorias (de restaurante, farmácia, loja, Uber Eats, iFood, Rappi etc.)

(2) servidores públicos estatutários, empregadores, trabalhadores auxiliares familiares. A amostra não permite desagregação.

De cada cinco entregadores, dois trabalham por conta própria (41,5% - Gráfico 2). O trabalho autônomo é mais comum entre os motoboys – 56% - do que entre os entregadores de mercadorias – 36%.

Gráfico 2 – Proporção de entregadores que trabalham por conta própria, por ocupação - Brasil, setembro de 2020



Fonte: IBGE. Pnad Covid19.

Elaboração: DIEESE

Considerando-se os altos níveis de informalidade desses trabalhadores, além da baixa remuneração recebida, tem-se o agravante de que aproximadamente 39% desses profissionais são chefes de família, ou seja, sua contribuição é essencial para o sustento de suas casas.

Por fim, também a partir dos dados da PNAD Covid-19, foi possível analisar o fluxo mensal de informações sobre o quantitativo e a remuneração média dos entregadores, desde o início de realização da pesquisa, em maio de 2020, até setembro do mesmo ano.

Nota-se que, durante os meses de pandemia, apesar das oscilações, o número geral de entregadores cresceu, passando de 917 mil em maio para 950 mil em setembro (3,5%), conforme exibido na Tabela 9.

O movimento é bastante diverso do relativo aos demais ocupados no mercado de trabalho, entre os quais se verifica redução nos níveis de ocupação: de 83,5 milhões para 81,9 milhões (-1,8%). Esses números revelam uma situação comum em momentos de crise: as ocupações menos formalizadas e com menor remuneração acabam crescendo em ritmo superior ao observado nas ocupações caracterizadas por empregos formais, sendo, muitas vezes, a única alternativa de trabalho para boa parte da população desempregada.

Outra informação importante apresentada na Tabela 9 é que, em todos os meses de pandemia, a remuneração média efetivamente recebida pelos entregadores foi bem menor que o rendimento que habitualmente costumavam receber pelos serviços prestados. Entre maio e setembro de 2020, o rendimento médio dos entregadores foi R\$ 220 inferior ao habitual.

Tabela 9 – Distribuição dos entregadores e dos demais ocupados e rendimento médio efetivo e habitual do trabalho - Brasil, maio a setembro de 2020

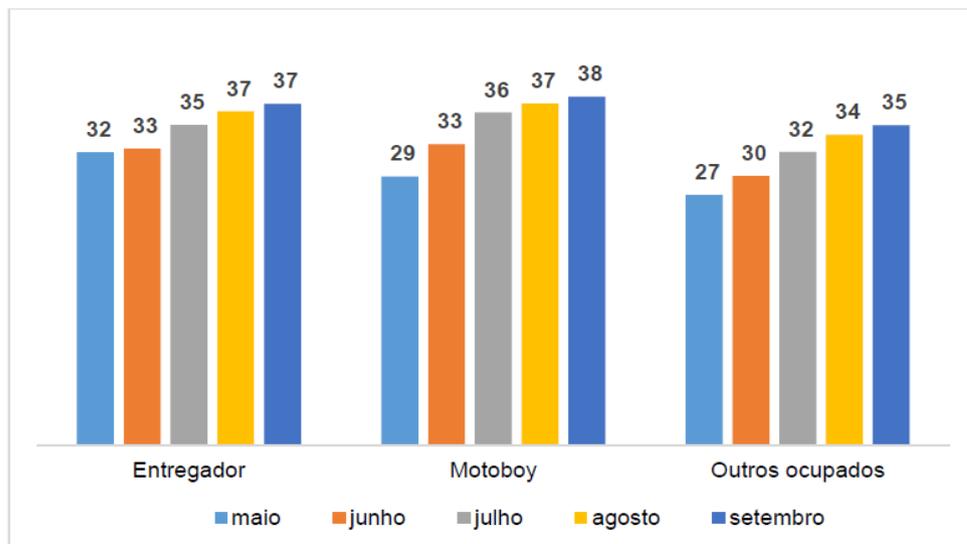
Mês	Distribuição (nº)		Rendimento médio efetivo (em R\$)		Rendimento médio habitual (em R\$)	
	Entregadores	Demais ocupados	Entregadores	Demais ocupados	Entregadores	Demais ocupados
Maio	917.597	83.486.605	1.149	1.912	1.450	2.335
Junho	909.935	82.539.199	1.137	1.951	1.391	2.346
Julho	914.065	80.569.552	1.228	2.082	1.443	2.390
Agosto	957.179	81.183.986	1.301	2.145	1.482	2.397
Setembro	950.024	81.984.217	1.325	2.166	1.476	2.389

Fonte: IBGE, Pnad Covid19.

Elaboração: DIEESE.

Apesar da diminuição do rendimento efetivamente recebido, houve aumento das horas trabalhadas semanalmente, que passaram de 32 para 37 horas, no caso dos entregadores; e de 29 para 38 horas, para os motoboys (Gráfico 3). Embora tenha ocorrido o mesmo movimento entre os demais ocupados, é importante destacar que a jornada média dos entregadores é maior do que a dos outros trabalhadores e seus rendimentos são inferiores.

Gráfico 3 - Jornada média semanal dos entregadores, por ocupação (em horas) - Brasil, maio a setembro de 2020



Fonte: IBGE. Pnad Covid19.
Elaboração: DIEESE.

Considerações finais

Durante a pandemia de Covid-19, em que o isolamento social se mostra imprescindível para conter a disseminação da doença e preservar a saúde da população, os entregadores são um dos grupos de profissionais mais expostos a riscos em suas atividades laborais. O reconhecimento, por parte da sociedade, do papel que o trabalho dos entregadores desempenhou para o funcionamento de outras atividades essenciais nesse período de crise sanitária não se converteu em maiores rendimentos ou em melhores condições de trabalho.

De fato, esses trabalhadores – na maioria jovens, negros e com menor grau de escolaridade – já enfrentavam maior precarização no trabalho. Mais da metade deles trabalha na informalidade, o que significa que, além de não terem acesso a uma série de direitos e benefícios, não serão assistidos pela Seguridade Social em caso de acidente de trabalho ou doença, o que aumenta sua vulnerabilidade. Em acidentes de trânsito, por exemplo, tão comuns entre esses profissionais, que se expõem a riscos durante todo o período em que exercem atividades laborais, são eles próprios que arcam com o custo integral do prejuízo material, além de não terem direito ao benefício da assistência social no decorrer da convalescença.

Mesmo com todos os riscos, o trabalho de entregador continua atraindo um número crescente de pessoas que, em face da crise econômica e sanitária e movidas pela necessidade de assegurar sua sobrevivência e a de suas famílias, buscam alternativas ao desemprego. As condições de trabalho impostas pelas empresas que se utilizam dessa mão de obra ampliam e aprofundam ainda

mais a precarização do mercado de trabalho brasileiro.

PERFIL DOS MOTOBOYS
E ENTREGADORES DE
MERCADORIAS